

**SOCIEDADE DE ENSINO SUPERIOR AMADEUS-SESA  
FACULDADE AMADEUS - FAMA  
CURSO DE PEDAGOGIA**

**LUCIA REJANE SANTOS SILVA**

**INTOLERÂNCIA RELIGIOSA NA EDUCAÇÃO**

**Aracaju SE  
2018**

**LÚCIA REJANE SANTOS SILVA**

**INTOLERÂNCIA RELIGIOSA NA EDUCAÇÃO**

**Artigo científico apresentado à Faculdade Amadeus como trabalho de conclusão de curso para obtenção do grau de Licenciatura Plena em Pedagogia.**

**Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dra. Maria Auxiliadora Santos.**

**Aracaju SE  
2018**

**LÚCIA REJANE SANTOS SILVA**

**INTOLERÂNCIA RELIGIOSA NA EDUCAÇÃO**

Artigo científico apresentado à Sociedade de Ensino Superior Amadeus,  
como requisito final para obtenção do Grau de Licenciatura Plena em Pedagogia.

---

**Williams dos Santos**  
**Coordenador do Curso**

---

**Prof.<sup>a</sup> Dra Maria Auxiliadora Santos**  
**Orientadora**

---

**Williams dos Santos**  
**Avaliador**

**Avaliação Final:** \_\_\_\_\_

**Aprovada em: Aracaju** \_\_\_\_ / \_\_\_\_ / \_\_\_\_

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço primeiramente a Deus que me concedeu condições para concluir com êxito esta fase de minha vida. Aos meus orixás, minha Mãe Oxum fortalecendo meu espírito para enfrentar tudo, A minha querida Mãe Rosa Maria pelo o amor que tem me concedido e que sempre teve ao meu lado, me apoiando e com todo o seu cuidado torcendo para que tudo desse certo, meu PAI de criação Luiz Bonfim que também contribuiu para que esse momento fosse possível.

Minha trajetória universitária foi árdua e longa, com muitos desafios e obstáculos, porém no final dessa jornada vemos que tudo valeu a pena, pois tive a oportunidade de viver tudo o que a Faculdade teve para oferecer, tanto experiências positivas quanto negativas, e me trouxe um crescimento imenso enquanto pessoa e futura profissional.

Então não poderia deixar de agradecer às figuras responsáveis por esse crescimento: A minha família por todo o suporte estrutural, emocional para que esse momento fosse possível em especial ao meu irmão Daniel Lohann que sempre esteve presente nas horas que mais precisei. Nayara que me deu suporte imenso para conclusão desse trabalho.

Desculpem-me por todos os estresses! Ricardo sempre me dando força para continuar, aos amigos que conquistei dentro da Faculdade e os que já tinham contraditoriamente responsáveis tanto por meus momentos de fragilidade emocional e psicológica quanto por momentos de apoio e suporte e muita alegria.

Aos professores, coordenador José Ailton Santos e o diretor Rubens Freire da Escola Secretário Francisco Rosa Santos onde realizei minha pesquisa obrigada a todos pelo apoio e incentivo. Agradeço também a todos os Professores da Faculdade Amadeus - FAMA que tive o privilégio de conhecer durante minha formação e tenho um carinho enorme por cada um.

Agradeço de todo meu coração a minha orientadora profa. Dra. Maria Auxiliadora Santos, que me acompanhou com muita paciência e competência durante esse tempo. Enfim principalmente aos meus filhos Bárbara, Chievanny, Elisson e Luna Rihanny que foram meus alicerces para essa jornada.

"Ninguém nasce odiando outra pessoa por causa da cor da sua pele, ou de suas origens, ou de suas religiões. as pessoas são ensinadas a odiar e se são ensinadas assim, elas podem aprender a amar, porque o amor chega naturalmente ao coração do homem que o seu oposto".  
(Nelson Mandela)

# INTOLERÂNCIA RELIGIOSA NA EDUCAÇÃO

SILVA, LÚCIA REJANE SANTOS<sup>1</sup>

## RESUMO

O presente artigo tem como tema Intolerância Religiosa de Matrizes Africanas no Âmbito Escolar. Fundamentado por Castro (2005), Caputo (2006), Oliveira (2001). O objetivo geral identificar como a intolerância religiosa de matrizes africanas são tratados no âmbito escolar. Teve como objetivos: Conhecer os principais desafios enfrentados pelos professores ao se abordar as religiões de matrizes africanas em sala de aula; Verificar o conhecimento dos alunos sobre as religiões afro-brasileiras; Analisar a prática do docente diante de situações discriminatória. Questiona-se: qual o olhar do docente para essa intolerância religiosa de matrizes africanas? A pesquisa foi de caráter descritivo, a metodologia utilizada é uma análise bibliográfica e um estudo de caso. Os instrumentos para coleta de dados foram entrevistas semiestruturadas com professores, alunos e o coordenador. O campo foi uma escola pública. Concluiu-se que a intolerância religiosa de matrizes africanas está presente no âmbito escolar de forma camuflada e muito pouco trabalhada. Tendo alcançado os objetivos propostos. Espera-se que este estudo venha proporcionar uma reflexão e um olhar diferente do docente diante desse assunto que é pouco abordado na sociedade e que os alunos tenham um conhecimento sobre o tema, proporcionando assim oportunidade de torná-los sujeitos sem preconceito, capaz de ouvir e respeitar a religião do próximo.

**Palavras-chave:** Âmbito escolar. Intolerância religiosa. Matrizes africanas.

## ABSTRACT

This article has the theme Religious Intolerance of African Matrices in the School Sphere. Based on Castro (2005), Caputo (2006), Oliveira (2001). The general objective to identify how religious intolerance of African matrices is addressed in the school environment. It had as objectives: To know the main challenges faced by the teachers when approaching the religions of African matrices in the classroom; Check students' knowledge of Afro-Brazilian religions; To analyze the practice of teachers in discriminatory situations. It is questioned: what is the teacher's view of this religious intolerance of African matrices? The research was descriptive, the methodology used is a bibliographic analysis and a case study. The instruments for data collection were semi-structured interviews with teachers, students and the coordinator. The camp was a public school. It was concluded that the religious intolerance of African matrices is present in the school context in a camouflaged way and very little worked. Having achieved the proposed objectives. It is hoped that this study will provide a reflection and a different view of the teacher on this subject that is little approached in society and that students have a knowledge about the subject, thus providing an

---

<sup>1</sup> SILVA, LÚCIA REJANE SANTOS. Graduanda do curso de Licenciatura em Pedagogia da Sociedade de Ensino Superior Amadeus-Sesa. Faculdade Amadeus-Fama. Aracaju/Sergipe-Brasil.

opportunity to make them subjects without prejudice, able to listen and respect the religion of others.

**Key words:** School scope. Religious intolerance. African matrices.

## INTRODUÇÃO

Após tantos séculos da chegada ao Brasil, os negros ainda são alvo de muito preconceito, sua trajetória sempre foi permeada de muitas lutas e resistência; no entanto, as formas de manifestação vão sendo modificadas ao longo do tempo. O preconceito, a discriminação e a intolerância são sustentados pela ignorância de uma sociedade leiga. Munanga (2003) é possível perceber a importância das religiões de matrizes africanas para o fortalecimento dos laços entre os africanos trazidos a força para o Brasil e junto com eles trouxeram as suas crenças e sua fé que se expandiram e foram incorporadas à cultura Brasileira entre elas o candomblé e a umbanda da religião africana, os indígenas e também cristãs, o catolicismo e o espiritismo também contribuem significativamente com símbolos que grande parte dos brasileiros reconhece com muita felicidade.

O Brasil é um país rico em diversidade social e culturalmente ele tem grandes influências de diversos povos africanos que para cá foram trazidos, Castro (2005) infelizmente foi necessário a sanção da lei para tornar obrigatório o ensino a uma cultura que há séculos faz parte da nossa história e que não era reconhecida diante a sociedade.

A pesquisa foi de estudo de caso, com caráter descritivo; os instrumentos de coleta foram a observação e entrevistas somado a uma pesquisa bibliográfica, assim fundamentado pelos principais autores do tema abordado como Castro (2005), Caputo (2006), Oliveira (2001). O objetivo geral foi identificar como a intolerância religiosa de matrizes africanas é tratada no âmbito escolar; os específicos foram: conhecer os principais desafios enfrentados pelos professores ao se abordar as religiões de matrizes africanas em sala de aula; verificar o conhecimento dos alunos sobre as religiões afro-brasileiras; analisar a prática do docente diante de situações discriminatórias. Os sujeitos de pesquisa foram cinco alunos de 15 a 18 anos, quatro professores e um coordenador pedagógico da Escola Pública do município de Aracaju - SE.

Dentro desse contexto questiona-se: qual o olhar do docente para essa intolerância religiosa de matrizes africanas? Justifica-se esse tema diante de um ato de preconceito presenciado dentro de uma sala de aula com um aluno adepto da religião de matrizes africanas sendo impedido pelo docente a participar da aula com um torço na cabeça (um pano enrolado), percebe-se a importância de abordar essa temática esclarecendo o crescimento da intolerância religiosa de matrizes africanas no âmbito escolar, de forma a levar à diminuição do preconceito religioso.

## **2 HISTÓRIA DO NEGRO NO BRASIL NO TOCANTE À RELIGIÃO**

O Brasil é um estado laico, ou seja, não tem uma religião oficial, todos os tipos de religião e crenças devem ser respeitados. A intolerância religiosa é considerada um crime com pena de reclusão de um a três anos e multa, diante da lei 9.459, de 13 de maio 1997, em seu "Art. 1º Serão punidos, na forma desta Lei, os crimes resultantes de discriminação ou preconceito de raça, cor, etnia, religião ou procedência nacional", no "Art. 20 Praticar, induzir ou incitar a discriminação ou preconceito de raça, cor, etnia, religião ou procedência nacional" (BRASIL, 1997).

Diz a constituição Federal Brasileira (BRASIL, 1988):

Art. 5º Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade.

VI - É inviolável a liberdade de consciência e de crença, sendo assegurado o livre exercício dos cultos religiosos e garantida, na forma da lei, a proteção aos locais de culto e a suas liturgias (BRASIL, 1988, p. 1º a 20º).

O dia Nacional de combate à intolerância religiosa foi decretado em 21 de janeiro de 2007, que é celebrada anualmente no Brasil. Essa data foi oficializada através da lei n: 11.635, de 27 de dezembro (Constituição Federal Brasileira artigo 84, inciso IV), escolha feita em homenagem a uma mãe de santo dona Gilda do terreiro axé Abassá de Ogum, localizado em Salvador. Ela foi vítima do crime da intolerância religiosa e faleceu com um infarto no ano de 2000. Em Aracaju no dia 03 de julho de 2018 no plenário da assembleia legislativa foi decretado como calendário cultural e é celebrado em 19 de janeiro, comemorado com uma Caminhada para Oxalá. O tema dessa caminhada é "Nada Abala Nossa Fé", é uma das atividades que ocorrem nesse dia de combate à intolerância religiosa Esse assunto merece muita atenção não só no estado de Sergipe como no mundo todo. No Brasil, se tem um recorde imenso de preconceito que está presente no dia a dia do sujeito denegrindo a sua imagem e sua crença, a aprovação dessa lei funcionará como uma necessária e importante ferramenta no combate à intolerância religiosa. É

uma ação afirmativa de político e da política sergipana assinalando a importância histórica e Cultural do Negro na sociedade sergipana.

Segundo Prandi (2003, p. 36), “Apesar da pequena visibilidade do candomblé e da umbanda tem grande número de adepto que são símbolos da identidade do Brasil, assim como práticas culturais importantes, são originárias desta religião”. Essa caminhada teve como objetivo de promover uma cultura de paz e também para combater a intolerância religiosa que vem crescendo cruelmente contra a religião de matrizes africanas, esse evento é uma manifestação cultural e religiosa que envolve pessoas de várias religiões e credo do município sergipano.

As religiões de matizes africanas sofrem um preconceito muito forte e são alvo comum desse ato e de outras diferenças culturais, étnicas, raciais e econômicas entre brancos e negros. Diante dos aspectos organizacionais a escravidão acabou desconstruindo uma relação configurada dos negros com os diversos membros familiares, comunitários, religiosos e políticos transformando em objetos econômicos sem status de ser humano sem alma e sentimento. Então, os negros a todo custo, tentaram conservar as suas tradições e valores como sujeitos carrasco do passado onde a brutalidade não pode apagar este posicionamento que permite fortalecer esse sentimento e a parte da convivência social. oliveira afirma que:

As religiões de matrizes africanas são alvo de preconceito e estagnação por serem diferentes das outras religiões Judaicas Cristãs. Porém é preciso compreender que diferença longe de se constituírem motivos para discriminação e a exclusão, são motivos de riqueza de aprendizagem de novos saberes e trocas de experiências. (OLIVEIRA, 2004, p. 163).

Os movimentos negros procuram em torno de extensos e intenso debate estratégico desvenda os caminhos da desconstrução desse passado cruel e do presente ainda marcado pelo preconceito, com objetivo de propiciar um futuro sem desigualdade. Para tanto, as ações afirmativas surgiram com o objetivo de combater as discriminações promovendo a relação de igualdade para todos.

As ações afirmativas, como políticas compensatórias adotadas para aliviar e remediar as condições resultantes de um passado de discriminação cumpre uma finalidade pública decisiva para o projeto democrático: assegurar a diversidade e a pluralidade social. Constituem medidas concretas que viabilizam o direito à igualdade, com a crença de que a igualdade deve moldar-se no respeito à diferença e à diversidade. Por meio delas transita-se da igualdade formal para a igualdade material e substantiva (PIOVESAN, 2004, p. 49).

Em cada um desses segmentos religiosos como de matrizes africanas existem códigos socioculturais que restaram uma linguagem e símbolos da religiosidade africana, e acaba formando uma relação na qual somos inseridos de modo em que quando recebemos a herança cultural produzimos cultura.

## **2.1 Docentes, Preconceito e Escola**

É importante que as escolas incentivem os discentes a conhecer a sua própria religião, é fundamental para que tenha o interesse por outras formas de religiões para acabar com os processos que impõe uma ou outra cultura, e achar que a sua religião é a melhor. Portanto é trabalhando o educando para que possam mudar esse olhar de preconceito com as religiões do próximo e que eles percebam que não existe religião certa ou errada, mas sim existe uma pluralidade religiosa. A questão do preconceito na sala de aula e da discriminação deve ser pensada, planejado e executado para podermos combater essa intolerância que ronda nas escolas fazendo com que tanto o docente como o discente esteja preparado para diminuir esse preconceito cruel e que inferniza esses alunos é preciso que se multipliquem mestres formados docentes de qualidade para mudar essa visão e transforma em dignidade humana, igualdade, tolerância e respeito os alunos em que os formam cidadãos. Antes de qualquer prática os educadores deveriam fazer uma pequena sondagem sobre seus alunos e assim poderá conhecer a história de cada um preservando as particularidades culturais, para Munanga (2005, p 22) observando se de uma forma determinista o problema que é em grande parte relativizada pela ação humana, os professores, a quem é atribuída à ação de contemplar as diferenças culturais na sua prática pedagógica poderiam ter internalizado o senso comum da desigualdade das diferenças culturais e não evidenciar na sua prática pedagogia.

É preciso trabalhar para que essa intolerância enfraqueça dentro da escola que é um lugar onde forma cidadãos e os alunos adeptos da religião de

matrizes africanas sejam respeitados tanto pelos docentes como por qualquer um que faz parte da escola, diante de projetos sociais, danças, palestra incentivando a sociedade na desconstrução desse preconceito que em pleno o século XXI ainda é tão forte dentro da escola, vamos conscientizá-los, resgatando valores que estão adormecidos dentro da sociedade e também na família.

A escola é um lugar democrático ou deveria ser deve liga o mundo ao espaço que o cerca segundo Gomes: aqueles em que as crianças, os adolescentes, os jovens e os adultos negros e brancos, ao passarem pela escola básica, questionem a si mesmo nos seus próprios preconceitos, tornam se disposto a mudar postura e racistas e discriminatórias, reconhecem a beleza da diferença e compreendam como essas pessoas foram transformadas em desigualdades nas relações de poder e de dominação (GOMES, 2013, p 83).

Nas salas de aulas, em uma sociedade desigual deve-se dar voz e vida aos grupos minoritários, que não tem nenhuma visibilidade nas histórias que não tem a versão recontada do colonizador, mas com uma visão realista do negro aqui no Brasil, desmistificando a sua cultura a que se refere sobretudo à religiosidade. Incluir a religião afro brasileira nos conteúdos escolares não significa converter ou doutrinar nem tão pouco os educadores que são pertencentes dessa crença ou os que não são não vão deixar de ser menos religioso por abordar esta temática.

É necessária uma formação iniciada e continuada para que os professores possam lidar com a diversidade religiosa e num âmbito geral que estejam preparados também para oferecer uma educação onde seja abordada a multiculturalidade e assim contribuindo para exclusão de atitudes intolerantes, despertando nos docentes uma reflexão sobre a discriminação que vem acontecendo muito forte num ambiente que deveria ser acolhedor e não um reprodutor da desigualdade. Sabe-se que os instrumentos de trabalho dos docentes são os livros e outros materiais que podem levar para sala de aula que possibilitem trabalhar com eles de uma forma que entendam e compreendam nossa cultura e resgatando a história dos negros, nesse sentido nada é feito para que essa discriminação não seja utilizada dentro da escola.

Acredita-se que a escola seja um lugar de igualdade para todos em que reconheça a proveniência de alunos com diferentes culturas. Têm que apoiar e valorizar os adeptos dessas religiões, constituindo-se em um gesto de bondade mostrando conhecimento de sua cultura e tendo orgulho de fazer parte dela, mas

também com a preocupação da sua própria identidade que se traz, não só a cor negra, mas sim toda uma cultura africana existente.

Não se pode exigir que os docentes fossem diferentes, mas eles podem e devem desconstruir esses conceitos convivendo em harmonia com seus alunos (as) praticantes da religião, mostrando para eles que a educação dentro da sociedade não se manifesta como um fim em si mesmo, mas sim, como um instrumento de manutenção ou transformação social onde constatamos que existem vários problemas nas escolas e devemos mudar esse quadro com a educação e com base na Lei 10639/03 que foi alterada pela Lei 11.645/08, de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), instituindo a obrigatoriedade da história e cultura afro brasileira em todas as escolas públicas e particulares do ensino fundamental ao médio. Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais de Ensino Religioso (BRASIL, 2009) objetiva:

Proporcionar o conhecimento dos elementos básicos que compõem o fenômeno religioso, a partir das experiências religiosas percebidas no contexto do educando; subsidiar o educando na formulação do questionamento existencial, em profundidade, para dar suas respostas devidamente informadas: analisar o papel das tradições religiosas na estruturação e manutenção das diferenças culturais e manifestações socioculturais (BRASIL, 2009, p.47).

Para se trazer o ensino da religião de matrizes africanas para dentro das escolas “é preciso torna-se necessária uma mudança radical com a presença da diversidade para que todos tenham acesso à cultura na educação que se refere ao currículo contrapondo a educação oferecida na perspectiva do currículo com relações de poder em sintonia com padrões dominante”, Munanga (2013), incluído no currículo oficial a obrigatoriedade da cultura brasileira para acontecer uma reconstrução deste currículo, para isso se têm que resgatar a história do povo negro, significa resgatar toda uma cultura, incluindo então a religiosidade.

Além disso, tem que lutar pela sobrevivência e a superação do preconceito têm que encarar o desrespeito e a desigualdade social, tem também que encontrar um caminho e uma tentativa de paz, vê isso só mesmo com a mudança estrutural da educação aí sim podemos trazer um resultado efetivo. Para Oliveira (2015) “essa realidade torna-se necessário pensar, mas acima de tudo agir para fazer emergir novas posturas na sociedade, a formação escolar é um componente essencial para a formação de valores”.

O conhecimento é importante para que a educação busque a melhoria social e sua reflexão, mudando o olhar do docente para que o papel do indivíduo

seja inserido na sociedade de uma forma melhor e sem preconceito diante dos adeptos dessas religiões criando certa segurança no âmbito escolar.

A diversidade e a intolerância religiosa são muito importantes na sociedade, são temas que exigem reflexões e debates dentro das escolas a partir do contexto histórico. O não tratamento dessa temática em sala de aula acaba escondendo o histórico da realidade social, permitindo ao aluno perceber que tais relações estão no seu cotidiano.

A educação constitui-se um dos principais ativos e mecanismo de transformação de um povo e é papel da escola, de forma democrática e comprometida com a promoção do ser humano na sua integralidade, estimular a formação de valores, hábitos e comportamento que respeitem as diferenças e as características próprias de grupos de minorias. Assim a educação é essencial no processo de formação de qualquer sociedade e abre caminhos para a ampliação da cidadania de um povo.

A discriminação ocorre em todas as sociedades, porque está relacionada com a construção da própria identidade do aluno, é fundamental o papel do docente para que o aluno não fique preso a desinformação preenchendo o vazio e corrigindo a distorção de valores que tem trabalhado, também a desconstrução do preconceito, quanto a preocupação dos docentes diante do ensino da história afro brasileira, não houve muitas mudanças mesmo com inserção dos conteúdos relacionados a história e cultura africana. PCNER (BRASIL, 1997) “os docentes podem desenvolver em sala de aula temas que permitam formar o cidadão consciente, possibilitando ao aluno ampliar seu horizonte existencial cultural e crítico, os alunos devem receber informações que alarguem suas compreensões”.

Seja pela sociedade, ou pela própria comunidade as religiões de matrizes africanas e seus adeptos foram e são historicamente perseguidos no Brasil. sendo sistematicamente desrespeitados e desqualificados em diversos espaços sociais nos quais as estruturas de poder se constroem, se expressam e se reproduzem, dentre elas: a escola.

Há muito que se esclarecer sobre o respeito à diversidade cultural e religiosa, intolerância religiosa de matrizes africanas está presente na sociedade brasileira e ao ser discutido nas escolas, exige uma grande atenção mesmo dentro do contexto escolar, pois fazem parte da realidade vivida da sociedade dentro e fora da sala de aula, muitas vezes escondidas e abafadas e outras declaradas gerando conflitos (CAPUTO, 2006, s/p).

Conhecer e valorizar as religiões de matrizes africanas faz parte dos aspectos históricos da história afro brasileira tendo uma visão dentro do seu contexto uma possibilidade para combater o preconceito e a intolerância, nada é feito para que possa diminuir esse preconceito tem que se trabalha muito, pois está difícil contém esses agressores, existem professores ainda que ignoram a religiosidade de matrizes africanas, tem que buscar caminhos para se rever e refletir métodos ensinando sobre a história do nosso povo nas escolas.

## **2.2 Discentes, Preconceito e Escola**

Os alunos têm que ampliar sua visão de mundo tomando consciência de que se insere em uma época difícil, em que o preconceito está presente na sociedade, essa temática merece muita atenção, pois diante desse preconceito temos que proporcionar aos alunos e docentes que não têm esse conhecimento sobre o assunto, uma forma de conscientizá-los em conhecer mais sobre as religiões de matrizes africanas.

Nesta vertente se afirma:

A escola é um espaço onde se encontra a maior diversidade cultural e também é o local mais discriminador [...] trabalhar as diferenças é um desafio para o professor [...] essa educação não recebeu uma formação adequada para lidar com as questões da diversidade e com os preconceitos na sala de aula e no espaço escolar [...] se o professor for distinto de um saber crítico, poderá questionar esses valores da classe dominante e saberá extrair desse conhecimento o que ele tem de valor universal (OLIVEIRA, 2001, p.7).

Vários alunos escondem suas religiões por medo de sofrer algum tipo de preconceito dos docentes ou até mesmo do amigo de classe. É importante que a escola transfira muito mais que o conhecimento, pois é um lugar onde é necessário para a construção do indivíduo que transporta seu conhecimento adquirido em sala de aula e os leva para fora da situação escolar, construindo propostas e soluções para problemas de diferentes naturezas como exemplo: intolerância religiosa, preconceito e racismo, com os quais se defrontam na realidade que vive e passam a ter valores culturais. As questões sobre intolerância religiosa estão cada vez mais ganhando espaço na sociedade. A desconstrução desse preconceito pode ser feito através de uma conversa para incentivar os alunos ou até mesmo o docente despertando o interesse de conhecer as culturas do nosso Brasil, são pequenas atitudes que estimulam para se formar uma sociedade melhor.

O autor Cruz (2011) considera que

A prática excludente e racista é oriunda dentre outras, da pouca discussão sobre a história e cultura africana, o que provoca um impedimento da cultura e da história brasileira a partir da visão afro descendente, pois sem esse conhecimento cultural para as salas de aula, trabalhar os alunos diante dessas diferenças entre eles e assim ressignificar o olhar a respeito sobre os membros da religião de matrizes africanas (CRUZ, 2011, s/p).

O combate ao racismo se torna uma medida emergencial. Desse modo, as políticas afirmativas aceleram a igualdade enquanto processo relevante, a exemplo de ações como a obrigatoriedade do ensino de História da África e da cultura afro-brasileira, o sistema de cotas, as taxas e metas atribuídas a minorias étnicas, o antirracismo aparece com o objetivo de combate ao preconceito e de valorização da negritude através da rica cultura africana – o candomblé, capoeira dança, etc. O preconceito racial é conduzido por um ódio intergrupual, a ação do preconceituoso atinge logo o raciocínio julgando as pessoas pela cor ou atos atribuídos a pessoas de uma religião diferente. É na escola que o aluno se sente tranquilo para exercer suas opiniões, mas muitas das vezes é interrompido por um professor ou até mesmo um amiguinho dele por conta da religião que o aluno frequenta.

O preconceito faz parte do comportamento cotidiano, a sala de aula não escapa disso, para trabalhar os conflitos decorrentes da intolerância é preciso compreendê-las, saber como se manifestam e em que base é expressa, notadamente se levarmos em conta que elas não podem ser analisadas fora de seu contexto (ITANI, 1998, p. 119).

Muitos alunos ao debater sobre sua religião eles diminuem seus sofrimentos causados pelo preconceito, encontram argumentos ilusórios que são capazes de melhorar sua autoestima para defender sua crença religiosa, e não deixar que o agressor lhe oprima entrando nos seus condicionamentos psicológicos, que exerceram aos longos dos anos nos diversos processos históricos contra adeptos da religião, Alves (1999) afirma:

As palavras brotam do sofrimento e se transformam, pela mesma, no bálsamo provisório para uma dor que lhe é importante para curar. É por isso que a felicidade ilusória do povo que deve ser abolida como condições de sua verdadeira felicidade. Mas o abandono das ilusões não se consegue por meio de uma atividade intelectual. As pessoas não podem ser convencidas a abandonar suas ideias religiosas. Ideias são ecos. Fumaça, sintomas se elas têm tais ideias é porque sua situação às exige. É necessário, então que sua situação seja mudada, as feridas curadas, para que as ilusões desapareçam (ALVES, 1999, p. 80).

Nesse caso acredita-se na importância que os professores de história têm na atuação contra a intolerância religiosa mostrando para o aluno o meio de reflexão constante nessa temática que seus conteúdos didáticos possibilitem debates e o envolvimento dos alunos, assim os mesmos têm uma visão melhor diante desse preconceito sabendo respeitar e conviver com as diferenças religiosas, dessa forma terá a oportunidade de conhecer melhor suas crenças religiosas e comparando com as demais existentes e não menos importantes assim à postura ética e moral poderão ser resgatada, conforme explicam os Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Religioso (BRASIL,1997):

Aprendendo a conviver com diferentes tradições religiosas, vivenciando a própria cultura e respeitando a diversa forma de expressão cultural, o educando está também se abrindo para o conhecimento. Não se pode entender o que não se conhece. Assim o conceito de conhecimento do ensino religioso, de acordo com as teorias contemporâneas aproximasse cada vez mais da ideia de que conhecer é construir significados (BRASIL, 1997, p. 39).

Os ataques contra os alunos adeptos da religião são constante, desrespeitoso e sem o conhecimento das religiões afro brasileiras, nos alunos que frequentam percebe-se a fragmentação dessa religião, muitos deles não assumem sua permanência diante a religião pela vergonha e pelo preconceito que sofrem por serem de uma religião que não apresenta status para a sociedade. Essa religião é considerada de negros, pobres e de homossexuais que nasceram nas senzalas.

Então, muitas religiões precisam provocar mudanças para que os adeptos não tenham vergonha e sim tenham orgulho de ser da religião de matrizes africanas que é aquela que lhe faz feliz, tendo uma constante relação com aquilo em que acredita. E assim, os alunos terão um olhar diferente e ficarão orgulhosos por fazer parte dessa religião, trazendo consigo uma educação diferente com as pessoas de igualdade, humildade e de caridade na sociedade.

## **RESULTADOS E DISCUSSÕES**

Para se alcançar o objetivo geral que foi Identificar como a intolerância religiosa de matrizes africanas são tratados no âmbito escolar e os objetivos específicos propostos que foram: Conhecer os principais desafios enfrentados pelos professores ao se abordar as religiões de matrizes africanas em sala de aula; Verificar o conhecimento dos alunos sobre as religiões afro-brasileiras; Analisar a prática do docente diante de situações discriminatória e ainda responder a questão

da pesquisa Qual o olhar do docente para essa intolerância religiosa de matrizes africanas? Foi utilizado como instrumento de coleta entrevista através de questionários na escola pública, com os alunos e professora. As entrevistas possibilitaram observar de forma mais aproximada de como a intolerância religiosa de matrizes africanas é tratada na escola, trazendo relatos de alunos que sofreram com a intolerância dentro do ambiente escolar, como também de alunos que não são da religião de matrizes africanas e sofrem com a intolerância.

A aluna A, é evangélica, protestante tem 15 anos e relata que a intolerância faz parte do convívio de muitas religiões dentro da escola, dentre elas a evangélica.

Eu já sofri preconceito aqui dentro da escola por conta da minha religião deveria haver um ensino que abordasse todas as religiões porque muitas pessoas julgam sem saber eu acho a religião de matrizes africanas é como qualquer outra, tendo sua cultura e não cabe a nós querermos julgar as religiões de outra pessoa. Para diminuir esse preconceito que nós sofremos teria que ter aula de religião para saber um pouco de cada religião e não iria ter tanto preconceito já fui chamada de crente sonsa tive tanto medo que passe dois dias sem frequentar as aulas sendo julgada por uma coisa sem saber sem conhecer minha religião.

Diante desse relato percebe-se que a intolerância está presente no cotidiano do aluno, ela influencia de forma negativa na vida das pessoas, trazendo para o aluno uma desmotivação para seguir em frente. Pode-se constatar que esta desigualdade deva servir como base de reflexão para que na prática em sala de aula venham despertar no aluno uma visão diferenciada e seja de consciência crítica despertando neles a vontade de lutar pelos seus direitos.

No seu depoimento, diz a Aluna B:

Sou candomblecista em minha opinião a intolerância religiosa é todo ato de desrespeito, ódio falta de conhecimento perante a religião do próximo, tem que ter um ensino religioso para que abrangesse todas as religiões, sem exceção de nenhuma, já que somos um país laico, sofri preconceito por pessoas que diziam ser minha “amigas-me destrata por saber que sou do candomblé”. Aqui na escola fui chamada de feiticeira (que é uma grande ofensa) para quem é do candomblé, dizem que sirvo ao diabo e saíram se benzendo entre outra coisa, a matrizes africanas são uma religião com qualquer outra, me traz uma paz na alma religião essa que me ensina que na vida ser humilde é não ter orgulho é saber reconhecer teus erros melhor solução, olho para essa religião com muito respeito, humildade assim com olho para as demais, pois não vejo diferença tenho respeito e conhecimento dessa matriz, não posso dizer que é racismo porque se for albino (pessoas com pele claras), mas for da nossa religião vai sofrer de discriminação de qualquer forma, com certeza existe preconceito acredito que se fosse, explicado um pouco sobre as religiões afins principalmente as de matrizes africanas onde é gerada a maior taxa de discriminação, iria mudar um pouco o pensamento errado sobre a minha religião.

Esse depoimento foi como um desabafo que a aluna teve. Ela também fala das agressões que sofreu dentro da escola e o que deveria ser feito para a desconstrução dessa intolerância tem que ter um conhecimento da religião que faz parte da cultura do Brasil, sobre isso Gomes (2013) questiona que “essas discussões tenham ganhado espaço dentro da escola sobre as religiões de matrizes africanas propagando ao aluno informações brevemente adquiridas e o esclarecimento”.

Diante desses depoimentos dos alunos sofridos pela intolerância relata a aluna C:

Tenho 17 anos sou do candomblé desde criança, nas escolas sofri preconceitos por ser da religião o ato de não aceitar e não compreender a religião alheia é conhecer e não julga, pois eu acho que o preconceito não vai acabar que é impossível, mas sim diminuir, minha religião é como qualquer outra, o principal dever dela é passar a cultura, os cultos, o ato, por conta da religião sofreu preconceito, foi muito assustador pra mim, me sentir mal pelos olhares e que me causou certo medo daquela pessoa. Alguns professores vinham me perguntar o porquê eu era dessa religião, por que não era de outra com aquele tom de pergunta bem preconceituosa, que me deixou bem triste para diminuir essa intolerância tem que criar projetos onde todas as pessoas em geral participem mostrando sua cultura sua diversidade em forma de enriquecimento, eu acho que vai banir um pouco essa intolerância.

O depoimento dessa aluna praticante do candomblé relata que cresceu dentro da religião e sempre sofreu discriminação dentro das escolas, seja do amigo ou mesmo dos professores. Caputo (2012), afirma que “nos terreiros os adeptos se mostram orgulhoso por praticarem suas ações desenvolvendo funções específicas já nas escolas escondem-se desenvolvendo estratégia para fugirem dos preconceitos direcionados ao candomblé e aos seus praticantes e acabam sendo silenciadas”.

Os docentes também relatam que são difíceis para eles, os professores têm uma ideologia diferente uns dos outros, uns têm sim o preconceito e outra não, a professora A diz:

Sou evangélica, mas minha religião não salva a intolerância e o desrespeito à escolha do indivíduo se ele escolheu uma religião seja ela qual for ela tem que ser respeitada independente de qualquer outra coliseu acha que deveria ter ensino religioso, mas eu não posso assim dizer qual exatamente para evitar que tenha essa desavença, quando fiz minha graduação em artes cênicas lá na Bahia fiz uma representação cênica do candomblé no teatro. Então, tenho uma noção mais ou menos do que seja essa religião ela faz parte dessa cultura, tenho minha escolha própria eu escolhi e sei que minha religião não vai salvar em nada o que salva é a minha fé em cristo que me faz ser cristão, sofri preconceito por ser uma crente que não tenho rótulos como outras pessoas evangélicas temeu me recuso ser religiosa porque a religiosidade vem através de homens e eles determinam o que você vai fazer e eu procuro fazer sempre através de cristo pela palavra dele, o racismo é ligado totalmente à cor raça, a etnia e o preconceito são idealizados em tudo ele envolve a religião a raça a escolha sua enquanto pessoas homossexuais ou não então isso é preconceito, a gente tem que conscientizar tanto os alunos como os professores da importância do respeito enquanto a escolha.

Mesmo com tantas dificuldades encontradas nas escolas tem que reestruturar a prática pedagógica para que tenha uma visão multicultural como dessa professora que aceita a diversidades respeitando o aluno mesmo sendo da religião contrária a sua, de acordo com seus ideais trazendo para dentro da sala de aula formas para ressignificar o olhar do aluno diante dessa religião.

O autor Alves (1999) destaca que “são necessárias que sua situação seja mudada, as feridas curadas, para que as ilusões desapareçam. Cabe ao docente que é intermediador usar suas estratégias para romper com paradigmas preconceitos dentro do espaço escolar”.

Esta docente B faz parte do movimento negro de Sergipe, afirma também ter sofrido preconceito dentro do âmbito escolar relatando que:

A intolerância é um problema de educação acontece por falta de conhecimento um sobre a religião do outro deve haver o ensino religioso tanto no ensino público quanto no privado para que saibam que a matrizes africanas e uma religião como outra qualquer com suas práticas seus dogmas com suas regras com seus adeptos, mas que talvez, né, por conta desse plano cartesiano de pensar da sociedade e de ser uma religião que versa parte de povos escravizados seja tão incompreendido na alta sociedade. Já sofri preconceito tanto na parte de discente como na condição de docente, meu processo de licenciatura estava cursando o ensino superior, então foi muito estranho porque se subentende que a universidade é um lugar de ampliação de horizontes e conhecimentos é sempre poder para o povo e foi um lugar de muita incompreensão e na condição de docente também o meu amigos professores não conseguiam fazer um link da minha formação com a religião que eu praticava. Então, é bem complicado e esse preconceito se efetuará ainda por mais algum tempo.

Essa fala leva a várias reflexões, diante desse aspecto da docente deve-se compreender que o aluno tem seu contexto de fé. Ele tem seu próprio pensamento trazendo com ele o prazer de praticar essa religião como a docente afirma, a intolerância e falta de conhecimento das pessoas envolvidas no seu dia-a-dia, o professor que é conhecido e pesquisa vários assuntos, incluindo as matrizes africanas têm uma visão ampla, trabalham com grande segurança diante de tantas avalanches de ideias existentes, evitando situações diferentes sobre as crenças religiosas, Munanga (2005, s/p) destaca “o fato de alguns professores despreparados que não sabem lançar mão, mesmo por discriminação ou por situações flagrantes, de discriminação dentro da escola ou na sala de aula”.

A aluna D teve um relato importante, o mais agressivo pois o preconceito partiu diretamente do docente em sala de aula:

No tempo do meu preceito (período da obrigação) fui para escola com o meu guia (do Logum). Ele me perguntou por que estava usando isso pediu que tirasse eu falei que não iria tirar e fui chamada de filha do satanás muitas vezes você nem sabe como funciona o candomblé e fica falando mal e atribuindo característica que nem conhece.

Fica explícito nesse depoimento, a falta de respeito com a aluna diante dos outros alunos dentro da sala de aula, constata também no procedimento do professor a falta de conhecimento no seu cotidiano, provocou um clima imenso de tensão e o não respeito entre os diferentes credos. Itani (1998, s/p) “esse caso de intolerância camuflada é perfeito para pessoas que existem, em mostrar suas diferenças religiosas, e não respeitar seu próprio aluno, o professor tem que reconhecer que seus alunos são diferentes e deverão ser respeitado tendo que trabalhar com eles essas diferenças”.

A Aluna E, relatou:

Esse mesmo professor implica com um pano de cabeça, porém chamado por eles de (torço) relata a aluna que ele falou que só assistia à aula se retirasse o pano, fui à direção e falei com o coordenador que conversou com ele me deixando assistir aula. Ele não pode fazer isso com ninguém, isso dá processo o coordenador me pediu desculpas e falou que nunca mais iria acontecer isso. A maioria das pessoas critica, no ensino fundamental tive aula de religião, agora não se tem mais, muita gente me procura para saber sobre a minha religião.

Essa polêmica não é discutida dentro das escolas públicas de ensino, mas há, e vai existir uma preocupação invisível com as consequências de atitudes que surgem de intolerância selvagem que cada dia surge mais forte, furiosa e explosiva contra os adeptos da religião. Para Cortina (1996), “os educadores

também têm que saber quais são seus mínimos docentes de moralidade na hora de transmitir os valores, sobretudo no que diz respeito à educação pública numa sociedade pluralista”.

O relato desse professor de educação física C, chamou mais atenção:

Sou batizado na igreja católica, mas não tenho restrição à outra religião, no meu ver a intolerância é quando a pessoa está convicta a religião dela é verdadeira é a que salva e é a correta às outras são erradas. A família tem que ser à base da educação religiosa, eu não é contra e se houver o ensino religioso que seja imparcial não direcione para uma denominação e sim que fale do evangelho de modo geral, não vou mentir já tive alunos da umbanda que me convidaram pra ir ao culto deles e eu não fui, porque eu disse assim a ele que na minha criação existe esse conceito eu tenho isso na minha cabeça e eu disse a eles que estava trabalhando para mudar a minha cabeça e no momento exato eu iriasse os europeus trouxeram a umbanda fosse deles com certeza aqui não teria preconceito, porque vinha da arte dos brancos e com certeza aqui dentro da escola é que existe mesmo.

Esse relato trata-se de uma atitude em que o ser humano se impulsiona e reaprenda a se colocar culturalmente. Trabalhando o seu psicológico para conviver com dignidade.

Ao ser perguntado se sentia capaz de promover o respeito às religiões afro-brasileira na sala de aula? O professor de educação física D afirma:

Isso eu já faço no meu dia-a-dia, a questão religiosa independente da crença eu prego a tolerância e o respeito, que a gente procure saber por que se for analisar a palavra preconceito seja é uma coisa definida sem sua análise, você não analisou e já tem algo definido então isso é burrice eu tento sim botar na mente dos meus alunos pra não ter esse preconceito, como educador eu faço é discutir e mostra realmente a realidade e o que realmente importa na sociedade no dia a dia e na espiritualidade e na religião em si ela é um detalhe e o que vale é a espiritualidade e não na religião é o que tento colocar isso na cabeça dos alunos o respeito.

Então é preciso estimular os alunos a manterem o respeito entre eles mantendo em sua sala um grupo onde um respeite a opinião do outro, tendo a prática de convivência na sociedade, e oportunidade de buscar o conhecimento religioso. Para promover o respeito diante do aluno dentro da sala de aula é só abordar temas que possam esclarecer como a sociedade trabalha para a desconstrução desse preconceito, mostrando para o aluno que ele pode sim ser uma pessoa tolerante, despertando sua sensibilidade diante de qualquer discriminação. A professora E de educação física reflete no seu relato:

Tenho um olhar de respeito primeiramente faz parte da nossa história é importante que a gente respeite e a gente conheça a religião. Essa capacidade eu não tenho, eu acho que isso aí faz parte, mas os professores que tenham conhecimento com a história própria do professor de ensino religioso. Dentro da minha disciplina eu nunca fiz nada desse tipo nenhum curso de capacitação. Então essa capacidade eu não tenho. Mas conheço a religião por estudar em escolas, algumas já tive vivência práticas e conhecimento a alguns rituais, alguns por projetos da escola.

Na concepção da professora, ela fala que não promove o respeito porque dá aula na quadra, mas ela tem respeito pelos alunos da religião afro e tem um olhar diferente para eles. Enquanto professor, temos que se dar o respeito para que eles nos respeitem, contribuindo para muitas aberturas de respeito às diferenças culturais.

O secretário pedagógico da escola relata vários casos que vem acontecendo no âmbito escolar sobre a intolerância religiosa de matrizes africanas:

A intolerância no ambiente escolar tem sido uma realidade rotineira na vida do quadro docente e discente no mundo estudantil. Por se tratar de algo que mexe com o espiritual do indivíduo. Chama atenção, também, pelos trajés. Em alguns casos. Ainda encontramos muitos professores resistentes e um tanto desinformados com a causa intolerância religiosa. Temos alunos ateus, evangélicos, espíritas, do candomblé, e tantos outros, ainda indefinidos religiosamente, justamente por faltar aos nossos mestres, um reparo e conhecimentos específicos das religiões. Já presenciamos vários tipos de preconceito. Situações que o alunos trajando vestes foram impedidos de assistir aula, alunos ateus sofrendo bullying, alunas evangélicas impedidas de usar saias, professores impedidos de mostrar na prática como é um terreiro de candomblé.

Nós educadores temos a obrigação de buscar por informações que nos oportunize conhecimento para lidar com situações, tipo as que acontecem quando seus pais descobrem que a religião do seu filho, não é mais a mesma que eles doutrinaram. Já presenciamos casos envolvendo adolescentes que optaram por religiões diversas, tipo candomblé. Houve caso em que a mãe do aluno até agrediu o filho em nossa presença. Absurdo tudo isso. Precisamos urgente mudar esse quadro, exigimos a interferência dos três poderes, a fim que possamos reconhecer instruir nossos alunos e professores, e que existam direitos assegurados em leis. A grande mídia é também responsável por esse apanhado de discriminação e intolerância desordenada.

Diante da preocupação desse secretário percebe-se como a intolerância cresce cada vez mais nessa escola, é onde entra o respeito e a compreensão de toda equipe da coordenação incentivando e direcionando os alunos, pais professores a não praticarem esse tipo de preconceito dentro da escola que é um lugar de onde se forma pensadores de opiniões. Diz a professora de educação física:

É um trabalho de formiguinha tem que começar na base dos alunos que estão iniciando, passo a passo colocando mesmo na cabeça deles, ensinando a respeitar como é cada religião. Começando na base, tenho certeza e acredito que eles vão acrescentando, à medida que vão avançando as etapas eles vão adquirindo conhecimento cada vez mais profundos e adquirindo mais respeito.

No ponto de vista da professora tem que trabalhar para mudar essa visão cruel que se têm das religiões de matrizes africanas e criar cidadãos competentes e humanos e de respeito.

## **CONCLUSÃO**

Diante das respostas dos entrevistados verifica-se a possibilidade do enfraquecimento do preconceito dentro da escola através da união dos alunos e o respeito dos docentes dentre suas religiões, os docentes podem influenciar para que essa intolerância não flua de maneira agressiva e incentivando cada vez mais seus alunos a manter a igualdade.

Constatou-se que o preconceito está crescendo a cada momento, esse sentimento de repudiar e o desrespeito à diversidade e a discriminação na escola onde é um lugar de extrema importância, para se adquirir conhecimentos e promover a construção do indivíduo é afetada diretamente e que a intolerância religiosa influencia muito na vida das pessoas e acaba gerando conflitos entre eles e nisso resulta um clima de tensão.

Concluiu-se que a intolerância religiosa de matrizes africanas está presente no âmbito escolar de forma camuflada e muito pouco trabalhada. Tendo alcançado os objetivos propostos nesta pesquisa.

Espera-se que este estudo venha proporcionar uma reflexão e um olhar diferente do docente diante desse assunto que é pouco abordado na sociedade e que os alunos tenham um conhecimento sobre o tema, proporcionando assim oportunidade de torná-los sujeitos sem preconceito, capaz de ouvir e respeitar a religião do próximo.

## REFERÊNCIAS

ALVES, Rubens. **O Que é Religião?** São Paulo. Ed. Loyola. 1999. p 80.

BRASIL. **Diretrizes curriculares nacionais para a educação das relações étnico-raciais e para o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana.** Brasília: Mec - SECAD/SEPP/IR/INEP, 2004. Disponível em: <http://www.acaaeducativa.org.br/folh/wpcontent/apulds/2012/10/dcn-seducação -das-relações-etinico-raciais .pdf>>. Acesso em: 27 maio de 2018.

CAPUT, Stela Guedes. **Educação em Candomblé:** contribuição para uma educação multicultural crítica. In candau, v.m (org) educação intelectual e cotidiano escolar. Rio de janeiro, 2006, p.181.

CAPUT, Stela Guedes. **Educação nos terreiros:** e como a escola se relaciona com crianças de candomblé. Rio de Janeiro: Pallas, 2012.

CORTINA, Adela. **Ética civil e religião.** São Paulo: Paulinas, 1996 p. 57- 58.

CRUZ, Amanda Braga. et al . A participação africana na formação cultural brasileira visibilidade e desafio. in: COELHO, w. n. b. SOARES, m. j. b (org) **Estratégia para abordagem da questão étnico- racial na escola.** Belo Horizonte: mazza, 2011.

FONAPER. (fórum nacional permanente do ensino religioso). **Parâmetro curriculares nacionais do ensino religioso.** 2 edição, São Paulo: Ave Maria, 1997. p. 39.

GOFFMAN, Erving. **Estigma:** la identidad deteriorada. 5 ed. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1993.

GOMES, Ângela de Castro. A guardiã da memória. **Acervo-revista do arquivo nacional,** Rio de Janeiro, v 9, n 1 / 2, p. 17-30, jan/dez. 1996.

ITANI, A. **Vivendo o preconceito em sala de aula:** Aquino, G. (org.) Diferenças e preconceitos na escola: alternativa teóricas práticas. São Paulo. Summus, 1998.

MUNANGA, kabengele. **Superando o racismo na escola,** 2 Ed. ministério da educação, secretaria da educação e diversidade, 2005. p 15.

MUNANGA, Kabengele. Uma abordagem conceitual das nações de raça, racismo, Identidade e etnia. **Seminário nacional Relações Raciais e educação.** Rio de janeiro, 2003.

OLIVEIRA, Eliana. Identidade intolerância e as diferenças no espaços escolar; questões para debater. Dezembro de 2001. **Revista espaço acadêmicos.** Ano 1n 7. Disponível em: [http:// www.espacoacademico.com.br/007/07oliveira.htm](http://www.espacoacademico.com.br/007/07oliveira.htm). acesso em 15 de marco 2018.

OLIVEIRA, Irene Dias. Religião e Alteridade: diferença, preconceito e discriminação. In: **O sagrado e as Construções de mundo: roteiro para as aulas de introdução à teologia na Universidade**/ Lorenzo Lago, Haroldo Reimer, Valmo da Silva. (Orgs):- Goiânia: Ed. da PUC Goiás; Brasília: Editora Universa, 2004.

OLIVEIRA, Luiz Fernandes. **Educação e axé**: uma perspectiva intercultural na educação. Rio de Janeiro: Imperial novo milênio gráfica LTDA, 2015. p. 189-210.

PRANDI, Reginaldo. O Brasil com axé: **candomblé e umbanda no mercado religioso**. In: Scielo. Brasil. 2003. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/eav/article/view/100330>. Acesso em 16 abril 2018.

SILVA, V. G. **Intolerância Religiosa, impactos do neopentecostalismo no campo religioso afro- brasileiro**. São Paulo, 1 Ed. São Paulo: Edusp, 2007.

## APÊNDICES

**APÊNDICE A Questionário para a entrevista**

- 1- você tem religião?
- 2- Se respondeu sim, qual sua religião?
- 3- Na sua opinião o que é religião de matrizes africanas?
- 4- Deve haver ensino religioso nas escolas e qual seria?
- 5- Você já ouviu falar sobre a religião de matrizes africanas como umbanda, candomblé, etc, o que pensa delas?
- 6- Você já sofreu algum tipo de preconceito por causa da sua religião dentro da escola como foi?
- 7- Qual seu olhar diante da religião de matrizes afro brasileira?
- 8- Você se sente capaz de promover o respeito às religiões afro-brasileira na sala de aula?
- 9- Você enxerga a discriminação religiosa como forma de racismo? Explique.
- 10- Você acredita que existe preconceito dentro da escola?
- 11- O que você acredita que faria para diminuir esse preconceito?

## TERMO DE RESPONSABILIDADE DE PLÁGIO

Eu, Lúcia Rejane Santos Silva, acadêmica do Curso de Licenciatura em Pedagogia da Faculdade Amadeus/FAMA, orientada pela Prof. (a) e Dr. (a) Maria Auxiliadora Santos, declaro para os devidos fins que o Trabalho de Conclusão de Curso: Intolerância Religiosa na Educação, atende às normas técnicas e científicas exigidas na elaboração de textos e ao Regulamento para Elaboração do TCC da referida Instituição.

As citações e paráfrases dos autores estão indicadas e apresentam a origem e ideia do autor (a) com as respectivas obras e anos de publicação.

O Código Penal em vigor, no Título que trata dos Crimes Contra a Propriedade Intelectual, dispõe sobre o crime de violação de direito autoral – artigo 184 – que traz o seguinte teor: Violar direito autoral: Pena – detenção, de 3 (três) meses a 1 (um) ano, ou multa. E os seus parágrafos 1º e 2º, consignam, respectivamente:

A § 1º Se a violação consistir em reprodução, por qualquer meio, com intuito de lucro, de obra intelectual, no todo ou em parte, sem autorização expressa do autor ou de quem o represente, (...): Pena – reclusão, de 1 (um) a 4 (quatro) anos, e multa, (...).

§ 2º Na mesma pena do parágrafo anterior incorre quem vende, expõe à venda, aluga, introduz no País, adquire oculta, empresta troca ou tem em depósito, com intuito de lucro, original ou cópia de obra intelectual, (...), produzidos ou reproduzidos com violação de direito autoral (Lei n.º 9.610, de 19.02.98, que altera, atualiza e consolida a legislação sobre direitos autorais, publicada no D.O.U. de 20.02.98, Seção I, pág. 3).

Declaro, ainda, minha inteira responsabilidade sobre o texto apresentado no Trabalho de Conclusão de Curso.

Aracaju SE, \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_\_.

---

Assinatura da aluna concluinte